

Explicação Necessária.

"O Tatu - Texto Dramático em Dois Atos" constitui uma tentativa: unir a expressividade narrativa e dramática do 'rimance' "O Tatu", obra decisiva e fundamental da literatura sul-rio-grandense contemporânea, com textos musicais / da Califórnia da Canção Nativa do RS.

Todo o primeiro ato é resultado dessa adaptação. O segundo abre a perspectiva essencialmente universalista "do tatu".

Trata-se, fundamentalmente, de uma visão crítica e dessacralizadora. Talvez melhor fosse dizer - revisionista de pontos considerados "indiscutíveis" das histórias que foram sendo montadas. E que, via de regra, obliteraram nossa capacidade analítico-crítica.

Tem-se hoje a idéia mais ou menos clara de que somos profundamente criativos, mas quase nada analíticos. Nossos juízos de valores parecem dormentes. / Será, pois, através de textos criativo-analíticos, que desenvolveremos nossas potencialidades nacionais. Atendendo as características peculiares e marcantes de um povo de tantas marcas.

Nesse sentido, este texto teatral procura consubstanciar sua eventual contribuição.

CICERO LOPES (AUTOR)  
EX POSTAL 226  
URUGUAIANA - RS  
97500

O Autor.

Uruguaiana, setembro/84.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Um homem não deve abster-se tanto,  
que chegue a esquecer-se de que é homem.

Cícero.

O TATU.

Texto dramático em dois atos.

Cícero Lopes. Uruguaiana.

CENA: PALCO EM PENUMBRA. ENTRA O ATOR VESTIDO CARACTERIZADAMENTE COMO GAÚCHO-MI---GRANTE URBANIZADO.

ATOR 1: Não canto, mas cantam por mim.

Me apresento aos senhores  
Como homem dos confins,  
Dos bastidores apagados do tempo.  
Sou eu quem cava a terra,  
Sou eu quem tropeia, marca, ferra  
Os animais das fazendas.  
Sou eu quem move o trator,  
Sou eu quem move o moinho,  
Sou eu quem crê em Nosso Senhor,  
Sou eu quem não tem padrinho,  
Quem anoitece e não amanhece.

CENA: ATOR VESTIDO CARACTERIZADAMENTE COMO OPERÁRIO. LUZ DE CIMA.

ATOR 2: Não canto, mas não estou sozinho.

Sou eu quem bate o martelo,  
Sou eu quem levanta a parede,  
Sou eu quem faz o asfalto,  
Sou eu quem limpa a praça,  
Sou eu quem sustenta as escolas,  
Sou eu quem dá as esmolas,  
Sou eu quem constrói as usinas,  
Sou eu quem desce nas minas,  
Sou eu quem corta a madeira,  
Sou eu quem arma a feira.  
Sou eu quem move o moinho,  
Sou eu quem crê em Nosso Senhor,  
Sou eu quem não tem padrinho,  
Quem anoitece e não amanhece.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CENA: APAGAM-SE AS LUZES ANTES ACESAS. ACENDE-SE UMA SOB O CANTOR COM VIOLÃO. PODE HAVER ACOMPANHAMENTO NOS BASTIDORES. RITMO DE CHULA.

CANTOR: Roda, roda, Tatu-Mulita,  
Que a tua raça  
Já 'stá maldita!

CORO: NO MESMO RITMO. AINDA O VIOLÃO NO PALCO. MAS SEM A VOZ ANTERIOR.

Roda, roda, Tatu-Peludo,  
Que nesta dança  
Já vale tudo!

ATOR 1: Não canto, mas também não calo!  
Posso dizer que já falo.

ATOR 2: Discuto, escrevo e até penso!  
Hoje, penso: sou livro, sou música.

CANTOR: Roda, roda, Tatu dos homens,  
A última vela  
O bicho não come!

CORO: Roda, roda, tua esperança,  
O baile é dos homens  
E tatu não dança!

ATOR 3: Eu sou Tatu - de mim  
Falaram as canções do folclore.  
E o Lobato, aquele das crianças,  
Também falou de mim:  
Jeca Tatu me chamou!  
Eu sou o Tatu - de verdade:  
Vivo por mim mesmo,  
Sem caridade.  
Já fui tudo, sou tudo.  
Só me falta identidade.

CENA: CANTOR E CORO. TALVEZ O ATOR JUNTO.

Roda, roda, Tatu da Roça,  
Que a força é deles  
E a culpa é nossa!

Roda, roda, Tatu do Mato,  
Que a força é deles  
E eu me escapo!

CENA: O ATOR SOMENTE. OU O CORO SOMENTE.

Roda, roda, Tatu do Pampa,  
A mulher é deles  
E eu sinto a guampa!

TODOS: Roda, roda, Tatu da Roça,  
Que o banco é deles  
E a naba é nossa!

ATOR 3: Ouviram só como me cantam ?!  
E me envaidecem, me enriquecem:  
Tenho fábricas, televisão, jornais,  
Tenho bancos e multinacionais.

ATOR 1: Sem elas, minha economia desaquece  
E o FMI se entristece  
E eu viveria de quê ?

ATRIZ: Sem o Rio de Janeiro,  
Sem os carnavais,  
Que seria de mim,  
Entre canibais ?!

ATOR 2: Sem o futebol,  
E as corridas de automóvel,  
Sem o 'jeans' de Nova Iorque e Paris  
Que seria deste país ?!

ATOR 3: O meu know-haw  
Faz um show de check-up,  
Um fead-back no close-up,  
Um estreap-tease na free-way:  
Sou boy, sou boi, sou bob, bobo.

Mim dizer good-bye,  
Ser VIP, ser vil, 'stou frito.  
Apareço em lay-out, out-door,  
Num flash de superman  
Adormecido nas cinzas do book-maker  
Da última Davis Cup,  
Noticiada pela United Press International,  
Através da International Telephone and Telegraph.

ATRIZ: O Tatu pensou: a caturra  
vive fazendo estrupício:  
De certo só quem tem bando  
É que pode fazer comício.

CORO. MAIS ESPAÇADAMENTE.

O Tatu pensou: a caturra  
(que é verde e tem bico)  
vive fazendo estrupício:  
De certo só quem tem bando  
É que pode fazer comício.

ATOR 1: Somos muitos, tatus somos todos.  
Andamos na roda - separados,  
Quando nos pegam  
Nos batem amontoados.  
Calamos na casca,  
Calamos demais.  
Não se ouvem gemidos, suspiros ou ais.  
Apenas fugimos de quê ? Não sabemos.  
Mas somos muitos, tatus somos todos.

CANTOR.

Pois tatu é todo mundo,  
todo mundo é tatu:  
Pai e mãe, a vovozinha,  
tio e tia e eu e tu.  
(e eu e tu... e eu e tu...)

ATOR 2. OUTRO LADO DO PALCO. APARÊNCIA SURPRESA.

Silêncio lhes peço, lhes peço silêncio.  
Temos espaço, espaço imenso  
Para organizar a saída da toca.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

O hino:

Como aurora precursora  
do farol da divindade,  
foi o vinte de setembro  
o precursor da Liberdade.

Mostremos valor, constância,  
nesta ímpia e injusta guerra,  
sirvam nossas façanhas  
de modelo a toda Terra.

Mas não basta pra ser livre  
ser forte, aguerrido e bravo,  
povo que não tem virtude  
acaba por ser escravo.

Luiz de  
FRANCISCO PINTO DA FONSECA

HINO RIO-GRANDENSE

Música de JOAQUIM JOSÉ DE MENEZES  
Revisão de ANTONIO T. CORTI REAL

Co - mo au - ro - ra pre - cur - so - ra do fa -  
rol da di - vi - ni - da - de, foi o vin - te de se - tem - bro o pre - cur -  
sor da li - ber - da - de. Mos - tre - mos va - lor, con - stân - cia nes - ta  
im - pia e in - jus - ta guer - ra sir - vam nos - sas fa - çan - has de mo -  
de - lo a to - da e ter - ra de mo - de - lo a to - da e  
ter - ra sir - vam nos - sas fa - çan - has de mo - de - lo a to - da e  
ter - ra. Mas não bas - ta pra ser li - vre, ser for - te e gen - te e  
his - to - ria que não tem vir - tu - de a - ca - ba por ser es -  
cravo. Mos - tre - mos va - lor, con - stân - cia nes - ta im - pia e in - jus - ta  
guer - ra sirvam nos - sas fa - çan - has de mo - de - lo a to - da e  
ter - ra de mo - de - lo a to - da e ter - ra. Sir - vam nos - sas fa -  
çan - has de mo - de - lo a to - da e ter - ra

ATOR 3: Ah, se me lembro! Esse é o hino farrapo!  
Foi ao som dele que nasceu o guapo  
Tatu que hoje represento! Me lembro...

CANTOR:  
Só usa agora língua de doutor,  
Não usa mais linguagem de vivente.  
Com umas palavras muito engroladas  
Diz cada loucura das mais indecente.  
Te dou um exemplo: diz que somos escravos  
E diz também que a terra é de toda gente!

CANTOR.

O Tatu de rabo mole,  
sonhador e folgazão,  
quando quer o paraíso,  
leva pau, leva prisão.

CORO.

Pois eu vim contar a história  
De um tatu que não morreu.  
Rodou, andou, guardou memória  
Dos caminhos que Deus lhe deu!

ATOR 2: Sou o último representante  
De uma tribo tupinambá.  
A gente caçava, a gente pescava,  
Se banhava em água limpa.  
A gente brincava, a gente dormia  
E sonhava mais ainda.

ATOR 2. TALVEZ CORO E FUNDO MUSICAL.

Mas... vieram os filhos da mandioca,  
Gente clara, gente limpa, civilizada.  
Derrubou as árvores, comeu as aves.  
Estourou o ventre dos peixes com dinamite.

EXPLODE A BATERIA NO BASTIDOR.

ATOR 2: Tacou fogo nas aldeias, aculturou a terra  
Com carne de índio,  
Estuprou as índias - fazendo uma raça  
Forte - tão forte que tem na guerra  
O elogio mais forte da ci-vi-li-za-ção.

PENUMBRA NO PALCO. SILÊNCIO. RELINCHO DE CAVALO, LONGÍNQUO. OUVES-SE MELODIA DE INSTRUMENTO DE SOPRO. CLARIM OU SEMELHANTE. É O HINO FARRAPO QUE SE AVOLUMA. E VAI PASSANDO.

Se eu lhe respondo: Deus quem quis assim!  
Ele me diz que Deus já é finado,  
Que só existe para os poderoso  
Manter os mais fraco bem acorrentado.  
E eu pergunto: não tenho razão  
Pra não dormir direito e andar tão assustado ?

Mas o que me assusta nele mesmo  
É quando fala das revolução.  
Diz que é certo que o gaúcho é guapo,  
Mas serviu de bucha de canhão.  
Que quem morreu o fez só por algumas  
Braças de terra a mais pra algum patrão!

ATRIZ: Vieram os farrapos.

Levaram arroz, feijão,  
Charque, os guapos e os trapos,  
Vacas, bois e carroças.  
Os cavalos. E o meu coração.

.....

Deixaram os velhos  
E as crianças.  
Depois, em seguida,  
Passaram os imperiais  
E levaram o demais  
Que os farrapos deixaram.

ATOR 1. CENTRO DO PALCO ESCURO. APONTA PARA UM CANTO: UMA FURNA, TALVEZ.

Esta é a toca do Tatu!  
Enfia-lhe a chaira, no mais!  
(Cês sabem a história do tatu e da chaira ?  
'A chaira pra tirar tatu da toca ?)

COM GESTO INDICATIVO, CONTINUA.

Enfia-lhe a chaira,  
Que se arranca da toca!

ATOR 2 CARREGANDO O ATOR 3. APARECE O TATU COM O CANO DA ESPINGARDA COLADO AO FLANCO.

ATOR 2: 'Taqui o homem!  
'Taqui o farrapo!  
'Taqui o voluntário!

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CENA: TATU OLHA A ARMA QUE O OBRIGA E OS OLHOS DO APRISIONADOR. A SEGUIR, EN--  
TRAM ALGUNS NO PALCO COM REBULIÇO GUERREIRO. DOIS OU TRÊS SAPATEIAM COM VIOLÊN  
CIA NO CENTRO DO PALCO, SOBE O SOM DA GAITA. TIROS. PASSAM PARCIALMENTE PELO /  
PALCO DOIS TERÇANDO ADAGAS.

CORO, DURANTE A CENA DESCRITA ANTES.

Roda, roda, Tatu valente,  
Que desse jeito  
Tu viras gente!

Roda, roda, Tatu-Mulita,  
Que dessa vez  
Tu te habilitas!

Roda, roda, Tatu-Peludo,  
Que nesta guerra  
Já vale tudo!

Roda, roda, Tatu-Quati,  
Lutas por eles,  
Pensam por ti...

CANTOR: Roda, roda, Tatu-Quati,  
Lutas por eles,  
Pensam por ti...

SILÊNCIO. PALCO EM PENUMBRA. FUMAÇA.

ATOR 3: Depois da guerra,  
Fui político, arranjador.  
(Me arranjei...)  
Duma feita, pelo Passo  
do Timbó, me aconteceu  
de ser vereador.  
Na Câmara, num discurso  
Brabo ocorreu o que  
Lhes conto - sem desconto:

ATOR 1: Vossa Excelência é um analfabeto!

ATOR 2: Um aparte! Aparte!

Eu não sou alfabeto!  
Conheço até todas as letras.  
Não se meta!  
Só que não sei acolherá elas  
Muito bem!

(Palmas ralas, morrendo...)

ATOR 3: Doutra feita me bandeiei,  
Nas palavras me enredei.  
Mas então já era deputado.  
Foi assim...

- Vossa Excelência é um descalcificado!

ATOR 3: No calor do debate, pedi explicação,  
Que um homem não fica no chão!

- Vossa Excelência deve ir à escola!

Deve rever seu vocabulário.  
Deve abrir dicionário.  
Ler obras de valor decisório.  
Deve abandonar este auditório.  
Este lugar é depositário  
Do voto-popular, corolário  
Dos interesses do povo, solidário  
Com as reivindicações da massa.  
Neste lugar a suma sapiência  
Escolhe a única conveniência:  
A luta por dias melhores  
Para os operários, funcionários,  
Trabalhadores rurais,  
Banqueiros e industrialistas,  
Para os pecuaristas,  
Os musicistas, os artistas  
Em geral, os campistas,  
Os ecologistas, os militares,  
Os empregados no total,  
Os poetas, as damas do lar  
E os profissionais liberais  
"Que não se liberaram jamais".

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(Ator dá mostras de ofegância...)

- Excelência!... Aparte! Aparte, Excelência!

- Aparte ? Com licença, Excelência ?!

Não concedo aparte, antes que minha  
Crença no povo seja consagrada  
No altar desta casa,  
Na palavra do meu partido,  
Tão querido, tão aguerrido,  
Tão sofrido e atacado.

(O ator demonstra dificuldade de continuar falando).

Apesar disso, em nome da Democracia,  
O governo do povo, pelo povo, para o povo...!

(Com pompa).

Concedo à Vossa Excelência o direito  
Sacrossanto da palavra e do respeito.

- Excelência!... Embora toda a eloquência  
E toda sabedoria, Vossa Excelência  
Não justificou por que razão  
Me afrontou com tanta decisão...

- Permita Vossa Excelência:

Em nome da sapiência,  
Não diga mais DESCALCIFICADO.  
Diga DESCCLASSIFICADO.  
Embora tal afirmação  
Seja a qualificação  
Para o nobre deputado!

(Ele diz com mesura).

- Não se engane, Excelência!

Quero mesmo dizer des-cal-ci-fi-ca-do!  
Porque, mamando tanto,  
Com tanto cálcio injetado  
(Jetons, proventos, honorários)  
E tendo há tanto tempo razões  
De sobra, ainda não  
Lhe calcificaram os cascos!

SILÊNCIO. MÚSICA DE FUNDO. VAI-SE ESCURECENDO O PALCO. ATOR 3, NUMA EXTREMIDA--  
DE DO PALCO. LUZ NO ROSTO.

- Me livreí apenas, porque, no entrevero,  
Minha cultura me salvou. Não compreendem  
O significado dessa palavra entre nós, tatus...

CORO: Roda, roda, Tatu da fala,  
Que o que defendes  
O povo cala!

CORO. RECITANDO: O Tatu é gente alta,  
gente alta ele é;  
na cabeça é passarinho,  
E tatu é com o pé.

CANTOR, ENTOANDO: O tatu é gente alta,  
gente alta ele é;  
na cabeça é passarinho,  
e tatu é com o pé.

CORO: Roda, roda, Tatu sabido,  
Que por pouco  
Não tens sumido!

CANTOR: Sabe, moço ?!  
Fui guerreiro como tantos  
Que andaram nos quatro cantos  
Sempre seguindo um clarim...  
E o que restou ?... Ah! sim,  
No peito, em vez de medalhas,  
Cicatrizes de batalhas  
Foi o que restou pra mim...

ATOR 4: Com licença, platéia, agora falo eu.  
Sou o Tatu de sempre, o que não morreu.  
Eu subi a Serra, por destino.  
Desde meu avô, imigrante.  
Trabalho pela bóia e pelo vinho.

CANTOR: Pequeno agricultor, tu és o grande  
Plantador da nova roça que sonhamos.  
Do calo de tuas mãos há de brotar  
O fruto da justiça que buscamos.

(Transferindo o cantar para recitar).

Tem muita gente que é mais árida que a terra,  
Quando te explora, te expulsa e te maltrata.  
A terra bruta, como o homem, não se entrega,  
E vai um dia se vingar de quem a mata.

Teatro de  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

12

CORO COMEÇA A ACOMPANHAR O CANTOR: Pequeno agricultor, tu és o grande  
Plantador da nova roça que sonhamos.  
Do calo de tuas mãos há de brotar  
O fruto da justiça que buscamos.

(Escurece-se o palco. Silêncio).

ATOR 1: O Tatu subiu a Serra  
Com intenção de beber vinho;  
apertaram-lhe a garganta,  
vomitou pelo focinho.

CANTOR: Roda, roda, Tatu da Serra,  
Que te precisam,  
Só quando há guerra.

CANTOR COM CORO. LUZ SOBRE O CANTOR.

Roda, roda, Tatu da Serra,  
Que te precisam,  
Só quando há guerra.

ATOR 4: Nasci na Serra, na Serra me criei.  
Sei lavrar, semear, capinar, colher,  
Sei aduelar, ajoujar, engarrafar.  
Mas o doutor Fioravânti se interessa por comprar  
A terrinha que ganhei,  
Mas não me deixa descansar.  
Ele, bom homem, vinha beber vinho,  
Do pobre vinho que eu fazia.

E um dia, um belo dia,  
Me disse que construiria  
Casa bba, com piscina,  
Se eu vendesse o que tinha.  
Só não pagava adiantado,  
Porque andava apertado  
Com as dificuldades dos médicos,  
Para obter crédito  
E por causa do INAMPS  
Que paga uma ninharia.  
"Precisa ver... uma porcaria!"

A mulher também queria  
Deixar de ser cozinheira,  
Lavadeira, lavadeira, cuidadeira,  
E ir embora pra capital,  
Beber de garrafa, comer de latas.

A 2

CANTOR: A lanterna da cidade  
Deslumbra os olhos da china,  
Que quando sai do seu pago,  
Pelas luzes se fascina.  
Nas grossas mãos calejadas  
De sanga, planta e capina,  
Se acende a luz do desejo  
De cambiar de pago e sina.

CENA: ATOR 4 (Tatu) ATOR 2 (Dr Fioravânti):

- Vender não quero, Dr Fioravânti.  
Mas dinheiro não tenho  
E crédito é escasso pra quem tem,  
Como eu tenho,  
Pouca terra e pouco lucro.

- Pagar não posso, Tatu,  
Tudo de uma vez só.  
Mas pagarei aos pouquinhos,  
Que talvez seja melhor.

V Vais aprendendo a viver.  
Como gente da cidade.

- Preciso duns cobres pra comida,  
Dr Fioravânti. 'Tá dura a vida.

- Amanhã, Tatu. No consultório.  
Preciso autorizar meu escritório.

CANTOR: Roda, roda, Tatu do Povo,  
Que a vida agora  
Só tem apoio.

Roda, roda, Tatu da Praça,  
Que no teu prato  
Só sobra massa.

CANTOR COM CORO: Roda, roda, Tatu do Povo,  
Que é já bem velho  
Isso que é novo!

(Apagam-se as luzes).

NUMA EXTREMIDADE DO PALCO.

ATOR 3: Com-licença peço aos senhores,  
Que fala agora Tatu de raça.  
Não vivo de vendas e penhores  
Nem me arrasto pelas praças.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226-0242 - CEP 90020-025

Sou o homem do Rio Grande  
Que, por onde quer que ande,  
Hei de ser o exemplo para os filhos:  
Eu sou o Monarca das Coxilhas!

(Penumbra do palco, que se vai clareando).

CORO: Foram tempos difíceis.  
Vim de Sorocaba.  
Passei por Laguna.  
Criei o ofício  
De apresar índios  
E escravizá-los.  
Eram poucos cavalos  
E a lavoura era grande.  
Havia a castelhanada  
Que só respeitava espada.  
Mas havia o estancieiro  
Que era a ordem, era a lei,  
Era o chefe, era o rei.

CENA: TATU E O ESTANCIEIRO. ATORES 1 e 3.

- Tatu, não comes do meu rebanho ?  
Não lavras com meus bois ?  
Não montas nos meus cavalos ?  
Não bebes leite das minhas vacas ?  
Não moras em casa minha ?  
O que fazes está bem pago!  
Se não quiseres assim,  
Teu emprego chegou ao fim.

CANTOR: A vida pode ser muito,  
O homem pode ser nada.  
Se o tempo é uma galopada  
Que leva ao fim do caminho,  
Já que quis andar sozinho  
Vou fazer por mim a estrada.  
Talvez mudando de rumo,  
Talvez buscando outro norte,  
Consiga cambiar de sorte:  
Nesta nova caminhada  
Não me basta achar caminhos:  
Eu quero a razão da estrada.

LUZ APENAS SOBRE O ATOR 3.

- Então, parti. Fui indo e parando.  
Lavrando, plantando, tropeando,  
Colhendo, esquilando, aramando,  
Trançando, varrendo, ordenhando,  
Curando bicheiras, castrando,  
Domando, descascarriando,  
Limpando, capinando, quinchando.

E me encontrei com gente  
Sem domínios. Seu Fritz  
No começo desconfiou.  
Esperou de cachorro e espingarda.  
Mas por fim se associou  
Na lavourita que desmatei...  
Queimei, lavrei, plantei,  
Colhi, criei.  
Devia, paguei.

CENA: TATU E "SEU" FRITZ - ATORES 2 e 3.

- Não sobrou pra lhe pagar, seu Fritz.  
No ano que vem...  
- Forra daqui, seu dessordeirro,  
Mal-grrradecido, caloteirro:  
O meu é sagrrrado!  
Eu prrecisa dessa dinheirro.

LUZ APENAS SOBRE O TATU.

- Assim me pus a voltar  
Pra outro espaço de reis.  
Foi assim que vim parar  
Nesta vida de changadores e lavadeiras.

CANTOR: Eles se encontram  
Pelos butecos,  
Entre os cortiços.  
E pra esquecerem  
Contam bravatas,  
Velhas histórias.  
Então são tragos,  
Muitos estragos  
Por toda noite.  
Olhos abertos,  
O longe é perto,  
O que vale é o sonho.

ATOR 1 - RECITA: Roda, roda, Tatu da Vila,  
Que contra a sorte  
Não vale a figa.

Roda, roda, Tatu de Raça,  
Que no teu copo  
Só dá cachaça...

CORO: Roda, roda, Tatu da Vida,  
Que contra a sorte  
Não vale a figa.

CENA: BUTECO, BALCÃO, BUTEQUEIRO, BEBIDAS, TATU.

ATOR 4: Pois foi verdade...

Lá no meu pago,  
Lá no meu pago,  
Deixei minha marca,  
Lá no meu pago  
Eu fui monarca...

CANTOR: Bom cavalo, arreio bom,  
Pilcha simples, bem cuidada,  
E uma estampa de monarca,  
Mesmo tendo quase nada.

Palha, fumo, carne gorda,  
Erva buena não faltava.  
Pra um índio for-de-campeiro  
Serviço sempre sobrava.

ATOR 3: Numa noite de luar,

Me pus a caminhar  
Depois de um dia  
Em que pedia  
Um lugar pra trabalhar.  
Bati em fábricas, lojas, padarias,  
Açougues, hospitais, oficinas.  
Se não soubesse, aprendia.

CORO: Sabes ler, Tatu ?

Tens documento, Tatu ?  
Trabalhaste onde, antes, Tatu ?

ATOR 3: A resposta não sabia:

Trabalhar trabalhava sempre,  
Sem isso.  
Mas agora isso era preciso.  
Ler não lia.  
Documento não tinha.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fones: 226-0242 - CEP 90020-025

O trabalho antes era tosquia,  
Marcação, laço, enxada, serra,  
Pá, arado, matança.  
Não conhecia outra usança.

CANTOR: Lavradores, trançadores,  
Pessoal de campo e patroa,  
Juntas de bois e tratores,  
Tudo vem na minha mão.

A fartura das estâncias,  
E, ao lado delas, a fome,  
Casa grande, rancho pobre,  
Família embaixo da ponte.

Nas minhas mãos há presente,  
Porque passado não cabe.  
Talvez o mundo arrebente,  
Talvez o mundo desabe,  
Que o futuro dessa gente  
... Ninguém sabe.

ATOR 3: Deí com um jardim.

Luzes, pastinho verde, jasmins.

Figuras eretas, longas,

Se moviam.

Com taças e risos....

E eu... solito ali.

Fui pra o ranchito

Na periferia

E trouxe meu filho

(Ainda livre dessa agonia).

Ele que conte. Meu filho...

CRIANÇA: Me tomou pela mão e saímos. A noite estava diferente, alegre. Eu me sentia feliz, poucas vezes andamos juntos, assim, companheiros. E aquela era uma situação especial. Longe, avistava-se a cidade, uma festa de luz; distante da nossa, de outras vilas, também pobres, às escuras.

Me daria pipocas, balas - eu até nem fazia questão disso! Queria, sim, descobrir a cidade. Aquela alegria luminosa, que naquele dia invadia os olhos / curiosos dos da minha idade - dez anos.

Há dois meses viéramos do interior. Um vilarejo afastado, campos infinitos à volta, que não me guardavam segredos. Muitos, porém, a cidade ainda me escondia: ela, e aquele dia.

Nos aproximávamos do centro. Eu, de olhos acesos e compridos; meu pai, /  
quieto, pensando lá com ele mesmo. Estava terno e triste. Há pouco voltara a /  
me dizer que nosso passeio era o seu presente. Eu disse que não quero outra /  
coisa, pai. Ele ainda falou sobre pipocas, balas, outras coisas não será pos-  
sível, filho.

Caminhávamos, lado a lado. A todo momento meus olhos espichavam-se, paran  
do dentro das casas inundadas de luz, festivas, muita bebida, doces, cantorias.  
E, depois, o espetáculo das vitrinas - muitos brinquedos eu não conhecia. Pes-  
soas carregadas de pacotes saíam das lojas, sorridentes, passavam por nós. En-  
tão... fui entendendo por que meu pai insistira que seu presente era somente o  
passeio. Gostei ainda mais dele, quis beijá-lo durante a caminhada. Uma lágrima  
grossa e quente descia-lhe pela face.

Mas, e deu-me um travo a consciência disso, não gostei daquilo que acabei  
sabendo ser o Natal. Sempre me haviam falado de José, Maria, a estrebaria, Je-  
sus... Nunca disseram que uns ganham brinquedos e festas à vontade, e outros //  
não.

BATIDA DE VIOLÃO. ESCURO. SILÊNCIO TOTAL. DE NOVO O VIOLÃO. LUZ SOBRE O ATOR 1.

ATOR 2. ATOR 3. ATOR 4. ATRIZ. FALAS SUCESSIVAS.

ATOR 1: Já que me sobrou espaço de fala

Entro cuidadoso nesta charla.

É que por aqui o bico é fino,

Muito braço, muito assalto,

Muito barulho, pouca vaga.

ATOR 2: E quando se fala muito

Tem sempre quem vira defunto

Em acidente de trabalho.

ATOR 3: Tem quem se esborracha no ofício,

Tem quem se bebe o princípio,

O meio e o fim.

ATOR 4: Sempre tem quem dê ordens.

Tem sindicato que morde,

Mas não pode reclamar.

ATRIZ: Melhorar todos querem

- E podem -

Desde que não seja o salário.

ATOR 1: Tudo sobe, mas o salário não pode:

- Inflaciona -.

No balanço todos querem carona.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

17

ATOR 2: Pego às oito, paro às doze;  
Pego à uma, paro às cinco.  
E me pedem mais afinco...

ATOR 3: O ministro é mui sabido,  
E meu patrão também.  
Mas até eles se desentendem  
Quando o salário é o motivo.

ATOR 4: O ministro acha muito,  
O patrão já acha pouco.  
Eu sinto o cheiro no bolso  
E a família acha que eu jogo.

VÁRIOS TATUS: OS CINCO ATORES.

- Somos muitos tatus-do-povo.  
Somos muitos esguaritados.  
Em cada porta de empresa  
Estamos vários encostados.  
Pelos ranchos, pelas ruas,  
Somos vistos e apontados.  
Quando nos reunimos  
Para debater interesses,  
Chovem os cassetetes  
E somos convidados  
A retornar ao lar  
Onde nos aguardam  
A esperança e a felicidade.

CANTOR: Roda, roda Tatu-Operário,  
Que o teu salário  
Já vai subir.  
  
Roda, roda, Tatu falido,  
Que o teu garfo  
Virou palito.

OS CINCO ATORES.

- A roupa que eu uso  
Outro já usou.  
- A casa em que moro  
É a poupança de quem tem.

21

CANTOR. DEPOIS ATOR 3.

- A semente e o cimento,  
Os dois são plantas de dar.  
São muitos para irrigar;  
São poucos para colher.

CANTOR. DEPOIS ATOR 4.

- A semente e o cimento  
Se enterram em fértil terra.  
Quem vem na ponta da corda  
É que sabe por que berra.

CANTOR. DEPOIS ATOR 5.

- A semente e o cimento  
São mistérios do mundo.  
Só sente o peso da água  
Quem navega pelo fundo.

CANTOR: Não sente quem bota o freio  
O golpe feio na boca.  
E não tem nada,  
Não tem nada...  
Vamo até de madrugada  
De cola-atada.  
Gineteando campo fora....  
Só chora quem vem embaixo da espora.

FIM DO PRIMEIRO ATO.

P A N O.

— 0 —

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CANTOS VARIANDO COM O CORO.

Das salamancas dos gabinetes  
Estranhos ventos te ameaçam.  
Coxilha agora é um perigo,  
Já vem do céu o inimigo.  
Tafonas brancas e saladeiros  
Por razões bem conhecidas  
Estão vazios, sem movimento.  
Lá fora o vento devora vidas,  
Devora vidas lá fora o vento,  
Devora o vento lá fora vidas.

O pala que te protege  
Da geada e do minuano  
Contra a garoa da radiação  
Não vale nada, porque é de pano,  
Porque é de pano não vale nada,  
De nada vale, porque é de pano.

CORO: VÁRIOS ATORES. TALVEZ COM OS ROSTOS (OU MÁSCARAS) PINTADOS COM AS CORES DE VÁRIOS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA.

- Nós somos os filhos da tatuzada  
Pisando um solo que é nosso,  
Sem saber de mais nada.  
Nos impuseram receitas  
De nações que nos guiaram,  
Nos deram o que quiseram,  
Nos tiraram mais que puderam.
- Nós somos os herdeiros do nada,  
Du, pior do que o nada,  
Nem sabemos do quê.  
Impõem-nos as amarras  
Nos dão armas, que são garras,  
De feras que nunca fomos.
- Somos espectros horrendos  
De tatus gigantes - povos inteiros  
A cavar, a cavar as próprias carneiras  
Nas terras que nos indicaram.  
Há dois senhores que imperam  
Sobre as tocas que nos deram.

JUNTOS:

- Agora somos muitos, somos tantos  
Que não nos podemos contar.  
Agora nos conduzem com papéis  
E estações, além dos fiéis  
Serviços que prestamos aos impérios.  
Temos um deus por quem optar  
Com o que se pode provar  
A LIBERDADE que temos.

APAGAM-SE AS LUZES DO PALCO BRUSCAMENTE. PENETRAM DOIS ATORES. POSTAM  
SE EM EXTREMIDADES DO PALCO. LUZ SOBRE UM DELES. DEPOIS SOBRE O OUTRO.

DEUS 1: - Eis que agora compreendem  
Os valores que defendem,  
Não há língua mais humana  
Que a exportação de banana,  
Que a cultura da soja,  
Que as minas de ouro,  
Pedras preciosas,  
Estanho, cobre, ferro, bauxita.  
É o favor que lhes fazemos  
E é por isso que lhes vendemos  
O super-homem e a criptonita,  
Meus símbolos de proteção.  
Deus salve meus irmãos!

DEUS 2: - Se alguém de vós se salvar  
Do falso deus que vos castiga,  
Há de ser o herói à antiga:  
Morto, mas vivo; mudo, mas a falar.  
Se alguém de vós me seguir,  
Há de um dia sentir  
O gosto da LIBERDADE  
Que a guerra costuma dar.

O TATU INTELLECTUAL: - Mas que deuses antagônicos!  
Que antíteses divinas!  
Parecem armas atômicas  
Assobiando nas esquinas  
Das ruas que a nada levam!  
Parecem anjos de cornos  
Pagando altos subornos!

Parecem gigantes anacrônicos  
Menosprezando e humilhando  
Simples mortais anônimos!  
Parecem águias de aço  
Rapinando o espaço!

OUTRO TATU: - É verdade! Isso parecem!  
Ou são mesmo o que parecem ?!  
Nossa comida, nossas tocas,  
Nossa casca, nossos olhos,  
Ouvidos e vozes, nossos filhos:  
A força que ainda temos  
É pra nós que precisamos.

CENA: OS TATUS SE OLHAM. DIZEM:

- Tatus somos todos,  
Tatus somos nós.  
Somos nós nas lavouras,  
Nos campos, cidades;  
Tatus somos todos,  
Tatus somos nós  
Como nossos avós.
- Tatus somos todos,  
Peludos, mulitas,  
Tatus somos todos,  
Tatus somos nós.  
Nos enchem de engodos,  
Nos esmagam por sós.
- Tatus somos todos,  
Mulitas, peludos.  
E ainda seremos,  
Se formos tão mudos.  
Tatus somos todos,  
Tatus somos nós,  
Os deuses do brilho,  
Os apolos da vida,  
Se desmancham em pó,  
Se a adoração terminar!

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- Tatus somos todos,  
Tatus somos nós.  
Parece que esquecem  
Algemãs e mós  
Em cima de nós.  
Sozinhos seremos  
Fracos, pequenos,  
De mania e buçal.

- Tatus somos todos,  
Tatus somos nós.  
Somos povos  
Da vida e da paz.  
Surjamos de novo,  
Sejamos um povo  
De força capaz.  
Os apolos da vida  
Deixaram feridas  
E ficaram pra trás.

Roda, roda, tatu latino,  
Que esse deus só é ladino.  
Roda, roda, tatu do povo,  
Que a idéia te dá,  
Que as idéias te dão  
Lume novo!

Que a idéia te dá,  
Que as idéias te dão  
Lume nova!

ATOR 1: O Tatu somos todos.  
Todos somos o Tatu.  
Nos montam, obedecemos.  
Nos desmontam, agradecemos.

ATOR 2: É esta condição de não ser homem:  
dormir, placidamente, sem remorsos,  
no curral dos mortos.

É esta condição de não ser homem:  
ruminar o assombro, junto ao feno,  
receber o milagre sem transtorno,  
seguindo sempre, onde manda o dono.

ATRIZ: O Tatu somos todos:  
Aqui, ali, nossos vizinhos.  
Enriquecemos os outros  
E devemos com sorrisos.

ATOR 3: É esta condição de não ser homem:  
lanhado o casco por chicote lesto,  
zurrar, apenas, mastigando o freio.  
É esta condição de não ser homem.

.....

Lixo de vida  
lixo de morte  
na sua pétala  
um verme  
convivemos no tempo  
eu no meu reino  
ele  
na sua caverna  
bem haja  
quem lhe inventou o nome  
Pedro da Silva  
peixe outrora  
depois ave  
primata  
nem isso  
Pedro da Silva  
por graça de Deus  
e dos homens  
lixeiro  
ex-lixeiro  
isso  
uma coisa  
Pedro da Silva  
habitante do Brasil.

---oo0oo---

BIBLIODISCOGRAFIA UTILIZADA.

- ALVES, Francisco. Sabe, Moco ?! Texto musical. Uruguaiana, 11ª CCNRS.
- BRUM, Nilo e FERREIRA, Ewerton. Das Salamancas. Texto musical. Uruguaiana, /  
12ª CCNRS.
- CARVALHO, Gilberto e VASCONCELOS, Marco A. Pássaro Perdido. Texto musical. U  
ruguaiana, 9ª CCNRS.
- DUARTE, Colmar e ROJAS, Sérgio. Caminhada. Texto musical. Uruguaiana, 13ª //  
CCNRS.
- \_\_\_\_\_. O Tatu. Texto musical. Uruguaiana, 12ª CCNRS.
- FERREIRA, A. Augusto e FERREIRA, Ewerton. Descaminho. Texto musical. Uruguai  
ana, 12ª CCNRS.
- \_\_\_\_\_. Nas Minhas Mãos. Texto musical. U-  
ruguaiana, 13ª CCNRS.
- FONTOURA, F. da, MENDANHA, J. de e CORTE REAL, A. Hino Rio-Grandense.
- LOPES NETO, J. S. Cancioneiro Guasca. Porto Alegre, Globo, 1954.
- MARTINS Fº, Cyro S. e ALVES, Bebetó. Tonho! Texto musical. Uruguaiana, 12ª /  
CCNRS.
- MELO NETO, J. C. de. Morte e Vida Severina. (Auto de Natal Pernambucano). Ri  
o de Janeiro, José Olympio, 1976.
- MOREIRA, I. Vitter. Conto de Natal. (In "A Quatro Mãos"). Lagoa Vermelha, ed  
dos autores, 1980.
- NAPP, Sérgio e DORNELES, Mário B. Desgarrados. Texto musical. Uruguaiana, //  
11ª CCNRS.
- NEJAR, Carlos. Canga. (In "Canga"). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira,  
1971.
- SALDANHA, Élton. Percanterio. Texto musical. Uruguaiana, 13ª CCNRS.
- SCHULER, Donald. O Tatu. (Rimance). Porto Alegre, Movimento, 1981.
- ZANATA, Humberto e ALVES, Francisco. Licções da Terra. Texto musical. Uruguai  
ana, 10ª CCNRS.